



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

JOANA JULIA FERNANDES VALÉRIO

**PEDAGOGIA DO MARTELO:**  
**O caráter pedagógico em Friedrich Nietzsche.**

JOÃO PESSOA

2019

JOANA JULIA FERNANDES VALÉRIO

**PEDAGOGIA DO MARTELO:  
O caráter pedagógico em Friedrich Nietzsche.**

Monografia de Graduação apresentada ao Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Rebuá

JOÃO PESSOA

2019

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

V164p Valerio, Joana Julia Fernandes.

Pedagogia do Martelo: O caráter pedagógico em Friedrich Nietzsche / Joana Julia Fernandes Valerio. - João Pessoa, 2019.

47 f.

Orientação: Carlos Eduardo Rebuá Oliveira.  
Monografia (Graduação) - UFPB/Educação.

1. Filosofia. 2. Friedrich Nietzsche. 3. Pedagogo. 4. Caráter Pedagógico. 5. Educação. I. Oliveira, Carlos Eduardo Rebuá. II. Título.

UFPB/BC

JOANA JULIA FERNANDES VALÉRIO

PEDAGOGICA DO MARTELO: O caráter pedagógico em Friedrich Nietzsche.

Monografia de graduação apresentada ao Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

RESULTADO: Aprovado NOTA: 9,0

João Pessoa, 10 de maio de 2019

BANCA EXAMINADORA

Carlos Eduardo Zaleski Rebuá

Prof. Dr. Carlos Eduardo Rebuá Oliveira (orientador)  
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr. Miguel Ângelo Oliveira do Carmo (examinador)  
Universidade Federal do Acre

Prof. Jeane Felix da Silva (examinador)  
Universidade Federal da Paraíba

## DEDICATÓRIA

*Assim como Nietzsche, dedico este trabalho para todos  
e para ninguém.  
(Referência a “Assim falou Zaratustra”)*

## AGRADECIMENTOS

*Agradeço aos meus pais, que durante todos esses anos investiram em minha educação, principalmente a minha mãe Raquel Fernandes, aquela que tenho grande amor. Gostaria de agradecer ao meu orientador Eduardo Rebuá, por sua serenidade e paciência. Agradeço ao meu melhor amigo, Wilson Júnior, que sempre esteve disposto a me escutar. E por fim, quero agradecer a Janete Silva, bibliotecária do centro de educação, pois forneceu os melhores livros para tornar-me confiante na minha profissão.*

## RESUMO

O presente trabalho busca a possibilidade de desenvolver conhecimentos sobre Friedrich Nietzsche e seus estudos filosóficos na área da educação entre os anos de 1870 e 1874, deixando evidente suas perspectivas sobre o caráter pedagógico em sua época e como podemos compreendê-lo atualmente. Este trabalho tem como metodologia a proposta qualitativa e exploratória, analisando materiais bibliográficos de Friedrich Nietzsche e seus colaboradores envolvidos com a área da educação e filosofia. Os resultados alcançados são o desenvolvimento de um arcabouço histórico da relação de Nietzsche com os acontecimentos de seu tempo, descrevendo compreensões e reflexões do pensador. Conclui-se que as obras Nietzscheanas são ainda pouco exploradas na área da educação e que o caráter pedagógico em Nietzsche vai além do simples ato de ensinar na relação professor-aluno, passando a ser um exercício diário em desenvolver-se para além das barreiras que podemos encontrar no dia-a-dia da carreira docente.

**Palavras-chave:** Friedrich Nietzsche, Filosofia da Educação, Caráter Pedagógico, Pedagogo

## **ABSTRACT**

The present seeks the possibility of developing knowledges about Friedrich Nietzsche and his philosophical studies in the area of education between the years of 1870 and 1974, making evident his perspectives about the pedagogical character of his time and how we can understand it today. This work uses qualitative exploratory methodology, analyzing bibliographical materials of Friedrich Nietzsche and his collaborators involved with the area of education and philosophy. The results achieved are the development of a historical framework of Nietzsche's relationship with the events of his time, describing his understandings of education, and how his reflections have moved beyond his time. It is concluded that the Nietzschean works are little explored in the area of education and that the pedagogical character in Nietzsche goes beyond the simple act of teaching in the teacher-student relationship, becoming a daily exercise in developing itself beyond the barriers that we can find on a day-to-day teaching career.

**Keywords:** Friedrich Nietzsche, philosophy of education, pedagogical character, pedagogue



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	10
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	12
CAPITULO I: A HISTÓRIA DE NIETZSCHE COMO NASCIMENTO DO NOVO E A IDEIA DO MARTELO .....	13
CAPITULO II: O ESTADO E “SCHOPENHAUER EDUCADOR” COMO INFLUÊNCIA. .....	22
CAPITULO III: O CARÁTER PEDAGÓGICO.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS .....	41
APÊNDICE .....	45

## INTRODUÇÃO

Durante os cinco anos estudando no Curso de Pedagogia na Universidade Federal da Paraíba, vivenciar situações negativas ou positivas são uma “espécie” de exercício para o amadurecimento acadêmico, sendo possível extrair o melhor dessas experiências e levá-las por toda a vida.

A partir dessas vivências, enxergou-se a possibilidade de trabalhar com o Friedrich Nietzsche, conhecido também como o Filósofo do Martelo, que vivenciou grandes mudanças da sua época, principalmente na área educacional. A educação de sua época o estimulou a escrever críticas diversas e afirmava: “O grande Pedagogo é como a Natureza: Ele deve acumular obstáculos para que sejam ultrapassados” (NIETZSCHE, 2003, p.7) Essa afirmação, parte da ideia de que o Pedagogo não se limita ao pensamento positivo do seu dia-a-dia, mas se dispõe a vivenciar e encarar de frente os desafios que a vida apresenta.

Suponhamos que obstáculos são como vivenciar situações na nossa formação acadêmica para o amadurecimento na vida profissional, e que causam efeitos sobre nós, fazendo o que somos e o que queremos ser, sejam com experiências que julgamos positivas ou negativas.

As experiências que julgamos positivas nos demonstra ter efeitos estimulantes próprios para o que consideramos serem benéficas em nossa vida, mas os efeitos dos obstáculos que julgamos negativas, demonstrando ser diretas e batem de frente com o que somos e o que queremos, gerando incomodo e, por vezes, nos estimulando a buscar entender como acontece e porque acontece determinado fenômeno.

Das lições do filósofo, e que foram inúmeras em sua obra, a mais potente talvez esteja ligada à forma como conduzimos nossa vida, recriando-a continuamente, mesmo e sobretudo diante das intempéries e cataclismos que abraçam o existir (COSTA, 2011, p.29).

Assim como Nietzsche, condenamos o otimismo vulgar e preconcebido na modernidade. Nos dispomos a apresentar como o caráter pedagógico ainda está submerso ao que viria ser os cataclismos da profissão docente.

No presente trabalho, nos detemos a compreender como é exposto o caráter pedagógico no pensamento de Friedrich Nietzsche a partir de suas obras e

de colaboradores da área da educação e filosofia. Uma das principais obras usadas é: *Escritos sobre educação* e colaboradores, buscando analisar, expor e revelar o caráter pedagógico que o autor criticava durante os anos de 1870 a 1874, quando lecionava na Basileia e em suas obras mais maduras, como é o caso de *Humano, Demasiado Humano* (1878), *Genealogia da Moral* (1887), *Assim falou Zaratustra* (1883), *Crepúsculos dos Ídolos* (1888) e *Ecce Homo* (1908). Buscaremos expor também como o lado educador do filósofo muitas vezes nos parece esquecido, mas que durante toda sua vida, nunca o abandonou.

As críticas elaboradas por Nietzsche sobre a educação parecem ocultas e por vezes sutis, mas para leitores mais atentos, nota-se críticas efusivas a educação e a projetos pedagógicos da modernidade, que parecem vivos até os dias atuais.

Diante disso, observamos nos escritos de Nietzsche que não existe tempo ou espaço para entendê-los, indo além do seu tempo, nos revelando que suas inclinações pedagógicas não pararam nos anos que lecionou, mas perpassou durante toda sua vida.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As concepções pedagógicas atualmente são abordadas por diversos fatores que perpassam a construção do caráter pedagógico, caminhando pelo ambiente educacional até a figura profissional: o professor. Neste trabalho, damos ênfase ao caráter pedagógico voltado para a figura do profissional docente na perspectiva do filósofo Friedrich Nietzsche, considerar os anos em que lecionou na Universidade de Basileia, entre 1870 e 1874, onde o filósofo ainda era jovem e produziu alguns escritos como as *Considerações Extemporâneas*. Ressaltaremos também as suas conferências, *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino* e *Schopenhauer como educador*.

No presente trabalho, também nos detemos aos seus livros *Humano, Demasiado Humano* (1878), *Genealogia da Moral* (1887), *Assim falou Zaratustra* (1883), *Crepúsculos dos Ídolos* (1888) e *Ecce Homo* (1908), pois, nota-se em seus escritos que sempre esteve envolvido com a educação mesmo depois de lecionar como professor. Após sua carreira como um jovem professor na Universidade,

Nietzsche apostou em expor suas reflexões sobre educação, mesmo quando dedicou-se integralmente à Filosofia.

Nos documentos utilizados para a elaboração deste trabalho, Nietzsche apresenta críticas severas sobre a educação, expondo como o caráter pedagógico dos intelectuais da sua época se mostravam e como ele entendeu a atuação desses profissionais. Nietzsche também esteve autoavaliando, refletindo sobre si mesmo e suas atuações como professor durante os anos, concordamos também que:

A educação e a cultura ligada ao Estado como mentor e guia de suas funções, nutria em ambos o objetivo principal de estimular a formação de mão de obra especializada centrada no ajuste e na adequação dos indivíduos ao próprio Estado, à ciência e ao interesse daqueles que Nietzsche caracteriza como a classe dos comerciantes (MARQUES, 2015, p.25).

A partir disso, podemos entender que Nietzsche faz fortes críticas a educação ministrada nas instituições de ensino de seu tempo, “acusando-as de apegarem o homem ao formá-lo apenas para servir aos interesses do Estado, da ciência e do mercado” (NEUKAMP, 2006, p.2). Seguindo este triângulo, a formação do homem parece ter se limitado as demandas da sociedade.

Neste momento, notamos que o *Filósofo do Martelo*, ao criticar a educação, não se volta apenas às instituições, mas à formação do homem e para quem ele está servindo, afirmava também que a formação ofertada nas instituições de ensino alemãs visava apenas a formação dos indivíduos para o trabalho, quando deveria promover uma educação que tivesse por objetivo assegurar a elevação cultural do indivíduo (MEDEIROS e ZUBEN, 2013, p.74).

As críticas de Nietzsche sobre a educação vão para além de apontamentos negativos, ele revela o caráter pedagógico dos especialistas de sua época e expressa as suas preocupações sobre os futuros profissionais da educação. Evidenciando que:

[...] ele jamais abandonou sua inclinação pedagógica em toda sua carreira intelectual, pois, seja como professor da cadeira de filologia clássica, seja como filósofo solitário, ele sempre escreveu para ser lido e, portanto, para ensinar alguma coisa aos seus leitores” (SOBRINHO, 2003, p.7).

As Conferências na Basileia comprovam sua atuação ao apontar objetivos e métodos para a formação dos jovens. Na cadeira de filologia, Nietzsche explora sua ligação com a educação e prova que não é apenas um filósofo, mas um profissional da filosofia da educação que se preocupou com o futuro da educação do seu país.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho de pesquisa tem caráter qualitativo exploratório, ou seja, analisar materiais bibliográficos: livros, textos e artigos elaborados pelo filósofo Friedrich Nietzsche e autores colaboradores na área da educação e filosofia que trabalham com as perspectivas nietzschianas.

O principal fundamento deste trabalho parte da obra *Escritos sobre Educação*, de Friedrich Nietzsche, traduzido por Noéli Correia de Melo Sobrino. Essa obra aborda o pensamento filosófico de Nietzsche sobre a área da educação e como a mesma sofreu grandes influências. Portanto, nos detemos a considerar os anos em que Nietzsche esteve lecionando como um jovem professor na Universidade da Basileia nos anos de 1870 e 1874.

Quando falamos de Friedrich Nietzsche, estamos voltados a tratar sobre a filosofia e a educação com uma perspectiva diferenciada, e consequentemente como essas perspectivas estão ligadas a entender a sociedade moderna. Por isso, elaboramos capítulos que estão ligados entre si de modo que a história não se limita apenas a organização de datas, mas ao vínculo do filósofo com sua própria história de vida e grandes acontecimentos da época.

No primeiro capítulo falaremos brevemente sobre a história de Friedrich Nietzsche e a sociedade na qual viveu. Entendemos que a contextualização da história dele está interligada aos grandes acontecimentos de seu país, a antiga Prússia, que hoje a conhecemos como Alemanha. Consideramos que para entendermos a filosofia de Nietzsche e suas perspectivas sobre educação, não podemos nos desvincular do processo histórico da antiga Prússia, pois, uma leva a outra e dessa forma, “faz-se necessário a promoção de uma pequena contextualização histórica acerca da Alemanha vivenciada por Nietzsche” (MEDEIROS e ZUBEN: 2013, p.72).

Portanto, trataremos de explicar no segundo capítulo como essas instituições de ensino se caracterizavam para o filósofo e seus vínculos com o Estado que denominou *prussiano*. Nietzsche denunciava que o Estado da Prússia era concentrado e almejava o controle dos setores privados e públicos para a perpetuação de poder liderado por Otto Von Bismarck (1815-1898), que tratava de articular também a cultura e consequentemente a educação. Neste segundo capítulo, nos concentraremos nas instituições públicas e como o papel do educador que ingressava nessas instituições poderia reforçar o poder estatal e enfraquecer a cultura alemã através da educação.

Com o propósito de desenvolver ampla visão pedagógica, no terceiro capítulo concentramo-nos nas perspectivas de educador para o filósofo. Entendemos que Nietzsche tomou como exemplo de educador o filósofo Schopenhauer durante alguns anos, mas que o vínculo entre mestre e aprendiz mostrou limites e que o mestre precisa ser compreendido para além dos seus ensinamentos pelo aprendiz.

Sendo assim, sistematizamos a visão pedagógica do filósofo por meio das leituras dos materiais teóricos. Desenvolvemos também, sobretudo como o caráter pedagógico se apresentou para Nietzsche e como o mesmo buscava entender a si próprio durante os anos que se dedicou como professor. Dessa forma, sendo possível identificar como o caráter pedagógico também pode se apresentar atualmente.

A partir disso, descrevemos o tempo histórico em que as ideias foram expostas, para que possamos entender em que período surge as reflexões, porque surgiram e como essas se enraizaram na compreensão da sociedade alemã nos escritos de Nietzsche. Tratando de utilizar colaboradores das ideias nietzschianas, mapeamos os materiais bibliográficos com determinação cronológica de 10 anos e às vezes fazendo uso de informações de colaboradores que melhor explicam a visão de Nietzsche sobre a educação no século XX.

## **CAPÍTULO I: A HISTÓRIA DE NIETZSCHE COMO O NASCIMENTO DO NOVO E A IDEIA DO MARTELO.**

Os meus escritos possuem um tempo, razão por que espero não ser mal compreendido e se pense que me preocupo tão somente com as exigências deste momento. Certamente, no próximo meio século, alguns entenderão minha obra [...]

Friedrich Nietzsche

O século XIX, foi marcado por grandes filósofos que influenciaram no pensamento do homem moderno e consequentemente a educação moderna. Friedrich Nietzsche era um desses filósofos, que por anos dedicou-se a questionar e entender qual indivíduo estaríamos formando para o futuro. Durante muitos anos, sabia ele que seria mal interpretado ou venerado por aqueles que de algum modo o enxergava como modelo. Uma verdadeira premonição aos perigos da modernidade.

O filósofo de grandes obras caminhava para uma nova perspectiva de pensamento. Nietzsche, que era mais do que um crítico, incentivava a autonomia do homem e a elevação cultural através da educação. Para entendermos melhor a relação dele com a educação, precisamos caminhar por sua história pessoal e a época na qual viveu, pois consideramos que o contexto de um indivíduo influencia em seus pensamentos e, no caso de Nietzsche, requer uma peculiaridade maior, exigindo de nós, leitores, atenção ao compreender quando e como ele voltou-se para a educação em seus escritos.

Nietzsche nasceu em 15 de outubro de 1844 na cidade de Rocken, nordeste da Alemanha, era filho mais velho de um casal dedicado a religião protestante, o pastor Karl Ludwing e a dona de casa Franziska Oehler. Dois anos depois, nasceu a sua irmã mais nova, Elisabeth Forster, que futuramente viria a colaborar com a propagação da sua obra, infelizmente, de modo controverso. Acredita-se que o primeiro momento difícil de Nietzsche foi precoce, aos 5 anos de idade, com o falecimento do seu pai, passando a ser criado apenas com a sua mãe e tias na cidade de Naumburgo, Alemanha.

Apesar da perda precoce do seu pai, Nietzsche pareceu ter encontrado forças neste fato para se dedicar aos estudos e alcançar a “imortalidade” como um grande filósofo, um dos maiores pensadores do século XIX. Desde muito cedo dedicava-se

aos estudos, sendo assim considerado um dos melhores alunos. No ano de 1858, o futuro autor do "super-homem", começou a ganhar destaque na mais requisitada escola de Píort, tendo como leituras Schiller (1759-1805), Holderlin (1770-1843) e Byron (1788-1824). Nietzsche também se dedicou ao grego, alemão, latim e estudos bíblicos. Adiante, distanciou-se do cristianismo herdado dos seus familiares e passou a dedicar seu tempo para a filosofia e teologia na cidade de Bonn, Alemanha.

Na cidade de Bonn, parou de dedicar-se por um tempo à filosofia e teologia, passando a considerar a filologia influenciado pelo o seu professor Ritschl. Dedicando seu tempo a produzir grandes trabalhos, seguiu as pegadas de Ritschl, realizando investigações originais sobre Diógenes Laércio (séc. III), Hesíodo (séc. VIII a.C.) e Homero. Entre os anos de 1860 e 1870, a primeira grande fase da revolução industrial chegou a um outro nível, a Alemanha concentrava boa parte das riquezas europeias. Neste período, Nietzsche passou a se interessar por *O mundo como vontade e representação* do filósofo Schopenhauer, que ironicamente chegou a falecer no ano de 1860 aos 72 anos, quando Nietzsche estava com 25 anos de idade.

Em 1869, ainda jovem, foi nomeado professor de filologia na universidade de Basiléia, mas a vida do filósofo não estava apenas vinculada aos estudos constantes. Como qualquer outro jovem, se apaixonou, era criativo e serviu ao exército. As paixões de Nietzsche não foram muitas, mas foram o suficiente para dá-lhe inspirações para escrever seus livros e até mesmo músicas. Com base em estudos sobre sua vida, seria apaixonado por Lou Salomé, uma filósofa russa, autora do texto *Hino à Vida* (1881) e alguns historiadores também assumem que Lou Salomé teria negado o pedido de casamento por parte de Nietzsche, o que acarretou contribuir em obras que são consideradas ásperas e misóginas, como é o caso do livro *Assim falou Zaratustra*.

Quando serviu ao exército, passou por um período conturbado, pois a Alemanha enfrentava a França, experimentando os primeiros motivos geradores de tensão do que depois de sua morte viria a ser a Primeira Guerra Mundial. O seu período servindo ao exército não durou muito e retomou a Basiléia para dar continuidade aos seus estudos.

Durante os anos de 1869 e 1878, passou a lecionar na universidade de Basiléia e encontrou-se atuante como um professor que nadou contra a maré,



assim, os pensamentos e reflexões sobre educação nas perspectivas do filósofo passaram a ganhar destaque, pois ele esteve em “contato direto com a realidade educacional de sua época, o que permitiu que fizesse críticas agudas ao ensino dos estabelecimentos alemães” (NEUKAMP, 2007, p. 1).

Neste trabalho nos detemos a considerar o ensino superior público uma das prioridades de Nietzsche diante da educação de sua época, pois fora peculiar. Antes, é necessário entendermos a Alemanha do século XIX, que buscou lutar por sua hegemonia na Europa e afetou todos os setores, até mesmo a da educação.

Durante o início do século XIX, “o império alemão era dividido através de constantes lutas eliminatórias com a monarquia austríaca” (ELIAS, 1985, p.37) o que levou a reduzir o império alemão. Após uma longa dinâmica de lutas entre os estados alemães, a atual Alemanha que conhecemos, reduziu-se à força *Prussiana*, liderado por Otto von Bismarck.

Sob a liderança de Bismarck, o reino da Prússia conquistou a hegemonia dentro do império alemão dividido através de uma luta eliminatória com a monarquia austríaca (ELIAS, 1985, p. 37).

Reduzida a Prússia, os estados alemães tornaram-se em uma potência militar forte e “enxergou a possibilidade de ter a liderança militar e econômica, através duma luta concorrencial com o mais forte poder militar da Europa continental – a França” (ELIAS, 1985, p.37). Considera-se que foi entre os anos de 1870 e 1871 que Nietzsche serviu ao exército e retomou a Basileia. Sendo assim, dedicou-se os próximos anos a escrever *O nascimento da Tragédia*, sua primeira grande obra filosófica, que “recorre um pouco aos meios daquela "poesia filosofia" que admirava nos pensamentos pré-socráticos e de que a história nos conservou alguns fragmentos [...]” (SILVA, 2014, p. 19). <sup>1</sup>

Enfraquecida pela força imperial Prussiana na guerra que durou entre 1870 e 1871, a França perdeu, alterando os poderes europeus. No caso da Prússia, o sentimento nacional passava a ser exacerbado. Antes, a Alemanha beirou a concertos dos estados que viviam em luta, mas nas últimas décadas do século XIX, tornou-se a consciência nacional ao exagero. Considera-se naquele contexto que:

---

<sup>1</sup> Citação encontrada na Nota do tradutor. NIETZSCHE, Friedrich. Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. Tradução: Mario da Silva. – 20ª ed – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

[...] a consciência nacional humilhada, surge agora, sob múltiplas formas, uma consciência nacional que excede em muito a realidade. O exagero da autovalorização nacional nos tempos do Kaiser ainda não ia tão longe quanto o mito da raça de senhores dos tempos de Hitler. (ELIAS, 1985, p. 39)

No ano de 1872, Nietzsche em *O nascimento da tragédia* demonstrou seu caráter jovial poético ainda influenciado pelos filósofos clássicos, mesmo vivendo no berço de uma guerra declarada entre os países europeus. Diferente dos anos posteriores, com a obra *Humano, demasiado humano*, passou a demonstrar um caráter crítico diferente dos anteriores, expondo amadurecimento com uma leitura pessoal do mundo. Nesse período da sua vida, “Nietzsche ainda gostava de disfarçar um pouco, às vezes, seu pensamento e deixá-lo, de preferência, quase que somente transparecer entre as metáforas” (SILVA, 2014, p.23).<sup>1</sup> Essa preferência do Nietzsche o acompanharia nas obras seguintes, revelando até mesmo a relação difícil com sua irmã mais nova.

Entre os anos de 1878 e 1882, abandonou a sua carreira como professor na Universidade de Basileia e isolou-se. Apesar de amadurecido, Nietzsche, parecia não entrar em um consenso com um fator importante da sua época: o *Aufklärung*.<sup>2</sup> Este termo é utilizado em suas obras para se referir ao Iluminismo. Apesar do movimento iluminista ter chegado ao fim no século XVIII, durante sua juventude e últimos anos de vida, esteve contra o movimento. Apesar disso, houve um período que fez uso do iluminismo “[...] usando-a contra os sentimentos, a fonte da sabedoria criadora tão entusiasmadamente defendida pelo Romantismo e por ele próprio, na primeira fase da sua filosofia” (JULIÃO, 2014, p. 3).

Entende-se que Nietzsche, considerou que o Iluminismo era um movimento eminentemente francês e que os alemães não deram a devida importância, por isso ignorava completamente a “*Aufklärung*” alemão. Quando tratava de “*Aufklärung*”, referia-se também ao movimento histórico de ideias na França do século XVIII, pois, apesar de Nietzsche ser alemão, ironicamente, simpatizava com a França.

---

<sup>1</sup> Citação encontrada na Nota do tradutor. NIETZSCHE, Friedrich. Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. Tradução: Mario da Silva. – 20ª ed – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

<sup>2</sup> Estudos assumem que Nietzsche usou o termo *Aufklärung* para se referir ao Iluminismo, mas que suas posições eram ambíguas e aparentemente contraditórias. Infelizmente, devido aos seus movimentos sobre o iluminismo, neste trabalho não apresentaremos nenhum estudo aprofundado sobre o termo.

Apesar da reviravolta de Nietzsche em relação a sua abordagem sobre Iluminismo, é bom lembrar que ele sempre foi um simpatizante da cultura francesa do século XVII, e um mordaz adversário do século XVIII e da Revolução Francesa (JULIÃO, 2014, p. 5).

Tornando evidente que a sua relação com os acontecimentos históricos da época não se desvinculou. Apesar de alguns autores considerarem que seus posicionamentos sobre os acontecimentos históricos oscilavam, nos parece evidente como ele estava preocupado e como esses acontecimentos poderiam afetar a civilização ocidental.

A consciência nacional alemã que surgiu no fim do século XIX, implicou na compreensão dos inscritos de Nietzsche durante os séculos seguintes. Devido a sua irmã mais nova, Elisabeth Forster, casada com Bernhard Forster, político ultranacionalista e antissemita. Antes de perder a razão, o filósofo afirmava que a sua irmã era "uma idiota, rancorosa e antissemita", expondo desavença entre eles. Contata-se que Elisabeth Forster:

[...] um ano antes que Nietzsche morresse, mandou proceder a uma escolha – de acordo com um critério sistemático, ou seja, dela e dos colaboradores aos quais confiou a tarefa – dos escritos que publicaria num volume, prefaciado por ela mesma e intitulado, justamente, "Die Wille zur Macht" (SILVA, 2014, p.14).

O professor Karl Scholchta, um dos maiores conhecedores das obras nietzschianas, elaborou uma pesquisa minuciosa e descobriu diversas falsificações feitas por Elisabeth Forster. Tais falsificações, mais adiante, chegaram as mãos dos nazistas, fazendo desses inscritos uma mão direita, para justificar suas ideologias que caminhavam no ápice da psicopatia humana. Ainda existem crentes de que Nietzsche é o profeta dessa ideologia, argumentando que certos trechos do livro *Assim falou Zaratustra* ajudou a justificar o pensamento do nazismo, principalmente partes que o filósofo expõe a ideia do *super-homem*:

[...] baseada no conceito metafísico de "vontade de poder", e com a mesma função de viga mestra do edifício inteiro – uma obra de Nietzsche que como tal, não existe: a famosa Die Wille zur Macht, traduzida para o inglês como The will to Power, para o francês como La volonté de puissance, para o italiano como La volontà di potenza e, para o nosso idioma, como vontade de potência (SILVA, 2014, p.13).

Caminhando na história, podemos entender quem alimentou essas ideias e como esses escritos chegaram aos nazistas. Vale considerar que antes de perder sua sanidade mental, Nietzsche até considerou a possibilidade de um livro com o título “vontade de potência”, mas mudou em cartas posteriores para “Ensaio de uma transmutação de todos os valores”. Concordamos também com Mario Silva (2014) quando diz que “títulos nas obras de Nietzsche nem sempre têm qualquer nexo essencial com o conteúdo e não passam, às vezes, de meros atrativos literários, pois, adorava usar metáforas em seus textos” (p.14).

A relação histórica da antiga Prússia com a França tivera grande peso na vida de Nietzsche, sobretudo nos leva para além do contexto da sua vida. Nos guiando, também, a entender seus escritos e seu pensamento crítico que o levou para além do seu tempo. Durante todo o período que se dedicou a escrever, caminhou por diversos assuntos, questões de natureza diversas, mas cabe ressaltar que o filósofo se apegou a assuntos como cultura, filosofia e educação.

Destacamos que o modelo educacional da Prússia não o agradou em 1870. Um pouco antes de abandonar sua carreira como professor em Basileia, dedicou seus primeiros anos como docente, propondo alternativas para a educação alemã por meio de duas obras. De acordo com Santos (2011), “a primeira destas obras consiste em cinco conferências que ele proferiu e que foram publicadas, em 1872, sob o título: *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*” (p. 1). Nessas conferências, dedicou-se a educação, tornando em um projeto amplo, que “futuramente viria a se tornar um livro. “A segunda destas obras foi publicada em 1874 e intitula-se *Schopenhauer como Educador*” (SANTOS, 2011, p.1). Conseguindo assim, atingir seu objetivo em criar reflexões críticas sobre cultura e educação.

A educação alemã na década de 70 do século XIX era influenciada pelo sentimento de pátria, devido todo o contexto histórico da relação alemã com a França de Napoleão. As críticas de Nietzsche sobre a educação alemã se voltam para o ressentimento que a pátria carregou contra os franceses, sobretudo ressaltando a falta de compromisso com o verdadeiro papel da educação:

De acordo com Nietzsche, o sentido da existência humana reside nos indivíduos e não nas instituições ou no processo destas. Por este motivo, a educação não deve estar a serviço do estado, da ciência ou do mercado de trabalho; a sua missão é contribuir para que o

indivíduo se desenvolva de forma integral para enfrentar a vida (SANTOS, 2011, p.2).

Essa afirmação pode ser compreendida de maneira clara com o livro *Assim Falou Zaratustra*, onde dedicou capítulos criticando a ciência e principalmente o estado, intitulados de “o novo ídolo” e “do país da cultura”. O foco no ensino pessoal também é evidente na terceira parte do mesmo livro, onde ele intitula a parte de “do espírito de gravidade”. Os livros são recheados de críticas sobre a educação, mas é preciso estar atento a essas críticas e reconhecer que a história dele não se desvincula da sua maneira de lidar com ela.

Não seria um equívoco afirmar que Nietzsche haveria aguçado seu olhar para a educação e denunciado as tendências educacionais que estavam sendo aplicadas nas instituições de ensino pelo Estado Prussiano. Constatando assim, “a destruição dos estabelecimentos de ensino da autêntica cultura alemã” (FRAGOSO, 1974, p. 278). Causando uma barbárie no século XIX, sendo “a barbárie da pseudocultura ditava a sua pseudo-educação” (FRAGOSO, 1974, p. 278). Nietzsche confessava-se um homem ignorante quando se tratava de entender a educação, mas também assumia que: “Quanto mais se faz, mais se deve pensar” (NIETZSCHE, 1972, p. 16).

Com essa afirmação, podemos notar que Nietzsche propõe reflexões sobre a educação e expõe para nós suas preocupações com as estruturas desta na Alemanha de 1870. As reflexões pós-guerra também são evidentes em *Crepúsculos dos Ídolos, como filosofar com o Martelo*, quando assume:

“A guerra sempre foi a sabedoria transcendental para os espíritos que se tornaram por demais introspectivos, por demais profundos; o poder de cura encontra-se até no próprio ferimento” (NIETZSCHE, 2009, p.21).

Nos revelando que o pensamento dele em *examinar profundamente os ídolos*<sup>1</sup> está diretamente ligada com o poder que o Estado detinha sobre a sociedade alemã depois da guerra e aproveitou-se disso para se fazer de ídolo. Ao entendermos estas articulações do estado, também passamos a entender a proposta do martelo em Nietzsche.

---

<sup>1</sup> Esta citação pode ser encontrada no prefácio do livro *Crepúsculo dos ídolos, como filosofar com o martelo*. 2009.

A obra *Crepúsculo dos Ídolos, como filosofar com o martelo* é um dos últimos trabalhos que o filósofo se dedicou a escrever antes de morrer, sendo também um dos materiais que iria compor o projeto *Transvalorização de todos os valores*. O que mais chama atenção em *Crepúsculo dos Ídolos*<sup>1</sup> é que no final do livro podemos identificar a ideia do martelo junto ao livro *Assim falou Zaratustra*, intitulado de “Fala o martelo”.

Assumindo a seção 29<sup>2</sup>, nota que o personagem Zaratustra está ligado a rude ferramenta de forma metafórica, que situa o martelo como símbolo de resistência para o *triunfar* e *criar*<sup>3</sup>. Concordamos com Mazzino Montinari (1997, p.79) que “O martelo com o qual Nietzsche filosofa em seu livro, é o martelo do minerólogo do que a rude ferramenta da brutalidade”, ou seja, trata-se de uma frase metafórica para se designar a transformação das coisas ou do ser. Por isso, que ao fim da seção 29, a frase de destaque se torna: “Tornai-vos duros!”.<sup>4</sup>

Adiante, nos debruçaremos a expor como se deram essas críticas conhecidas como “marteladas” e quais foram as fontes de inspiração que sustentaram e sustentam as críticas nietzschianas sobre a educação até os dias atuais. Focaremos também em entender como as “Marteladas” de Nietzsche alcançaram o Estado alemão.

Diante disso, podemos afirmar que os primeiros passos de Nietzsche na área da educação começaram um pouco antes da década de 70 do século XIX, porém, suas reflexões sobre a situação educacional na Alemanha alcançaram amplitude pós-guerra com a França. Apresentaremos também como esses acontecimentos e sua atuação como professor na Alemanha de Bismarck o mantiveram reflexivo.

As suas reflexões sobre o ensino abrangem os estabelecimentos de ensino das escolas primárias, escolas técnicas, o ginásio e as universidades tanto públicos como privados, apontando que o futuro desses estabelecimentos, estavam dependendo da cultura alemã, porém era modelada pelo Estado de Bismarck que tinha como prioridade proteger seus interesses no poder.

---

<sup>1</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos, como filosofar com o martelo*. Tradução de Jacqueline Valpassos. São Paulo: Golden Books/DPL, 2009.

<sup>2</sup> Na edição do livro *Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém* da editora Civilização brasileira, podemos encontrar esta citação na página 255, seção 29.

<sup>3</sup> No livro *Crepúsculo dos ídolos, como filosofar com o martelo*, Traduzido por Jacqueline Valpassos no ano de 2009, podemos encontrar as palavras “triunfar” e “criar” seguidas de interrogações no diálogo entre o carvão e o diamante na página 145.

<sup>4</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mario da Silva. – 20ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. Esta citação pode ser encontrada na página 256.

## **CAPÍTULO II: O ESTADO E “SCHOPENHAUER EDUCADOR” COMO INFLUÊNCIA.**

Neste Capítulo, consideramos apresentar uma breve contextualização sobre a Alemanha pós-guerra de 1871. Pretenderemos também expor que Nietzsche lançou um olhar crítico sobre o Estado alemão entre os anos de 1870 e 1874 e como as influências estatais moldavam a cultura alemã e consequentemente a educação na época. Nos dedicaremos a expor também que Nietzsche notou como o sistema estatal alemão esteve manipulando a educação para um novo caráter pedagógico através da cultura e como as influências de Schopenhauer o ajudou a desenvolver e expor suas críticas sobre a figura do educador.

[...] De modo geral, os textos produzidos por Nietzsche nesse período expõem suas teses sobre o declínio da cultura e da educação alemã, que estariam totalmente atreladas ao Estado, numa situação de dependência total (SILVA, 2017, p.9).

Os anos em que Nietzsche dedicou seu tempo a criticar as instituições de ensino, apontou o Estado como o principal responsável pela decadência da cultura alemã e consequentemente a falência na qualidade das instituições tradicionais e as que estavam surgindo na Alemanha nas últimas décadas do século XIX. Durante anos, se deteve a expor abertamente suas concepções sobre Ciência, Religião e Estado, como principais influenciadoras da educação. Neste capítulo, voltamos diretamente ao Estado por ser o principal responsável da cultura alemã em 1870 e consequentemente a educação. Antes de adentrar a fundo na relação de Nietzsche com a Educação e profissionais docentes é necessário entender qual Estado o filósofo criticava.

O Estado alemão na época teve a denominação de *prussiano*. No pós-guerra de 1871, obtinha grande influência sobre a cultura, sendo organizada de forma militarizada e burocrática. Essa militarização burocrática penetrou nos estabelecimentos de ensino e reforçou o patriotismo alemão. Nietzsche, percebeu essa forte influência estatal na Educação e afirmava em um dos seus escritos pós-guerra: “O Estado como guia da cultura e da educação. Nele atuam os elementos

opostos à verdadeira cultura: ele conta com o grande formato, ele forma para o seu uso próprio a massa de jovens professores.”<sup>1</sup>

Sendo possível entender que ele notou as estratégias estatais para alterar a educação e consequentemente o perfil de educador de sua época para a massificação. Nietzsche, desde jovem até atingir a maturidade dedicou seu tempo a evidenciar a ambição estatal, concordamos que foi:

[...] na Prússia de Bismarck que essa relação ocorreu mais intensamente. O esforço dispensado pelo Estado, na tentativa de formar um corpo de funcionários aptos a trabalhar, segundo as novas demandas sociais, do período de Unificação alemã, possibilitou que os governantes estabelecessem o sentido de cultura. (JURASKI, 2012, pág. 54)

O Estado Prussiano esteve determinado a reforçar o corpo público por meio do aumento de funcionários aptos a estimular a cultura voltada para a glorificação da Prússia de Bismarck. No entanto, os dois principais livros que sucederam nesta época, como: *Humano, demasiado humano* (1878) e *Crepúsculos dos ídolos* (1889), provam abertamente que suas concepções sobre o poder estatal não estacionaram nos anos de 1870 e 1874. As exposições sobre este poder, denunciavam o entrelaçar de concepções ligadas ao domínio sobre a sociedade, economia e educação. Nos detivemos a considerar o oitavo capítulo do livro *Humano, demasiado humano* (1878), intitulado pelo filósofo como “Um olhar sobre o Estado”, para ilustrar essa percepção:

O caráter demagógico e a intenção de influir sobre as massas são comuns a todos os partidos políticos atuais: por causa dessa intenção, todos são obrigados a transformar seus princípios em grandes afrescos de estupidez, pintando-os nas paredes. (NIETZSCHE, 2008, p. 142)

Revelando como o Estado de sua época era centralizado, vivendo em constantes transformações políticas e que essas transformações influenciou a população alemã culturalmente, evidenciou também que as consequências pós-guerra de 1871 envolveu poder nos setores públicos e privados. Com a articulação

---

<sup>1</sup> NIETZSCHE, F. *Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe* (eKGWB), Fragmento Póstumo (FP) 8[65], inverno de 1870-71 – outono de 1872.



do Estado sobre a cultura alemã levou conseqüentemente a afetar a educação, principalmente o ensino público, pois, Nietzsche acreditava que cultura e educação eram inseparáveis.<sup>1</sup>

Percebeu-se, portanto, que a filosofia nietzschiana, principalmente nesses primeiros anos, manteve uma crescente preocupação com a formação do homem na sociedade moderna, além de estar, necessariamente, relacionada à transmissão de cultura. (JURASKI, 2012, pág. 56)

A situação econômica da antiga Prússia em 1871 esteve abalada: a população encontrou todos os seus setores beirando a fragilidade, mas o Estado tratou de recuperar através do pensamento nacionalista, que penetrou a sociedade da Prússia e adentrou nas instituições de ensino. O *Filósofo do Martelo*, notará as fragilidades, principalmente nos ambientes educacionais e ironizava aqueles que se submetiam às demandas estatais. O sarcasmo de Nietzsche volta-se para a cega adesão dos professores aos controles burocráticos (FRAGOSO, 1974, p. 282) A submissão dos professores, não o agradou.

Então, destinou em relação à Prússia, nesses primeiros escritos, grande atenção, visto que o Estado *prussiano* lhe parecia o resultado de um longo processo em que o homem moderno passou a utilizar da cultura em proveito próprio, como se o “espírito” que envolvia o sentimento de pertencimento, pudesse ser negociada por mercenários da cultura. (JURASKI, 2012, p. 55)

No primeiro capítulo mencionamos que Nietzsche antes de ser professor na universidade de Basileia, encontrava-se interessado nos escritos de Schopenhauer. Esses escritos, levou Nietzsche a ganhar autonomia, deste modo levou o autor do livro *As Dores do Mundos* para além da filosofia. Quando falamos que fora para além da filosofia, tratamos do fato de Nietzsche ter se baseado no pensamento filosófico de Schopenhauer para criticar a educação prussiana, mais precisamente o perfil de educador que estava sendo formado na época.

---

<sup>1</sup> Esta afirmação também pode ser encontrada na página 22 do trabalho no trabalho de Pós-Graduação em Educação da Sharon Varjão Will, intitulada: *Intercessões: Nietzsche e a Educação*. Concordamos que em “O futuro dos estabelecimentos de ensino”, o filósofo aponta a “formação de si” como uma necessidade na educação para alicerçar uma cultura.

A filosofia de Arthur Schopenhauer e sua crítica pessimista a cultura alemã do século XIX é o ponto de partida para a compreensão dos primeiros textos de Friedrich Nietzsche sobre a cultura e a formação do educador. (SANTOS, 2016, p.4)

Com Schopenhauer, Nietzsche encontrou a base sólida que necessitava para dar início às suas críticas sobre a Educação Alemã, sem querer revolucioná-las, mostrando soluções, buscando entender suas alterações. O que parece viável afirmar, é que Nietzsche não estava errado e almejava um renascimento educacional, ao invés de transformações (FRAGOSO, 1974, pág. 280). Transformações essas, que o poder estatal de Bismarck estava querendo fazer.

Os anos que sucederam 1871 foram fundamentais para Nietzsche definir-se como um educador crítico e os textos que registram essa época são: *O futuro das instituições de Ensino* (1872), *Sobre a Utilidade e os Inconvenientes da História para a vida* (1874) e *Schopenhauer como Educador* (1874), lançadas nas *Conferências Extemporâneas*, na qual desempenha severas críticas ao sistema educacional da Alemanha do seu tempo.

Podemos afirmar que a submissão dos professores ao Estado pode ter estimulado Nietzsche a apresentar duas teses sobre o sistema educacional nas *Conferências Extemporâneas*. Concordamos que:

Nietzsche, em suas análises, critica a vulgarização do ensino, que apenas visava a rápida formação de homens úteis para a produção de riquezas, apresentando, na sua tese, duas tendências no sistema educacional, duas correntes que se contrapõem, ambas prejudiciais, que predominavam em seu tempo. (WILL, 2009, p. 21)

No texto *O futuro das instituições de Ensino* (1872), Nietzsche debruçou-se ao aspecto econômico ligado a atender os interesses do Estado. Acredita-se que tais aspectos serviriam como lança estratégica para alcançar a redução da cultura. Com a saída da antiga Prússia da Guerra, o Estado estava à beira de uma crise econômica e estimular a população a investir no pensamento para se atingir o enriquecimento parecia viável, mas que para atingir esta meta a população deveria atender as demandas estatais, tornando a sociedade alemã dependente por meio de uma falsa felicidade vendida pela centralidade estatal, visando à formação dos funcionários públicos. (WILL, 2009, p. 22)

Tornando o ensino vulgar, dependente e submisso ao sistema, com o gradativo aumento de criações de estabelecimentos de ensino alemães, o filósofo constatava:

Existe agora, quase em todo lugar, um número tão excessivo de estabelecimentos de ensino superior, que normalmente se utiliza aí um número muito maior de professores do que a natureza de um povo, mesmo ricamente dotado, pode produzir; ocorre então, nestes estabelecimentos, um excesso de pessoas que não têm vocação [...] Estas pessoas estão sem dúvida exageradamente distanciadas das coisas pedagógicas [...] Contudo, é preciso que sejamos unânimes a este respeito: para alcançar realmente a cultura, a própria natureza não destinou senão um número infinitamente restrito de homens, e, para o feliz desenvolvimento destes, basta um número muito mais restrito de estabelecimentos de ensino superior. (NIETZSCHE, 2011, p. 103).

O aumento dos estabelecimentos de ensino consequentemente levou à ampliação do número dos professores. Para Nietzsche a quantidade não significava qualidade. A Alemanha naquela época tinha predominâncias de pressupostos iluministas. O autor notara esta ideia de que a cultura e a educação deveriam ficar ao encargo do Estado; a necessidade de tornar o ensino obrigatório e gratuito, e o surgimento de uma espécie de orientação prática, voltada para as ciências, técnicas e ofícios, em detrimento de uma educação humanística. (SILVA, 2017, p. 9) Isso o incomodava, pois, de acordo com a pesquisadora Rosa Dias no livro *Nietzsche Educador* (1991), Nietzsche percebeu “estar diante de um sistema educacional que abandonara uma formação humanista em proveito de uma formação cientificista”.

O excesso de Professores em cargos públicos, acabaria por reforçar a tendência de uma educação que formaria apenas para o funcionalismo e para o lucro, o que poderia sufocar a possibilidade de uma educação voltada para a “verdadeira cultura” (SILVA, 2017, p. 10). As denúncias de Nietzsche em cima do Estado ecoaram na cultura, educação e nas artes, denunciando que o poder estatal adequava todos os setores ao seu favor. Nietzsche evidenciou que os professores estariam submetendo-se ao sistema de ensino, colaborando a reforçar os serviços e ordens estatais, vulgarizando a educação e a cultura ao mercado.

Nietzsche, criticava o sistema de ensino porque entende a educação como processo de formação de homens superiores e livres. Ele afirma ser necessário um modelo, um exemplo de vida, para a

educação dos homens livres, e este é o papel do filósofo educador, ou seja, deve servir de modelo, não só para os homens do seu tempo, mas para gerações futuras – eis o significado de Schopenhauer para Nietzsche, o modelo de mestre. (SANTOS, 2010, p. 4)

O autor defendeu o educador como filósofo, no caso de Nietzsche; Schopenhauer. Em 1874, ao publicar “Schopenhauer como educador”, deixava mais evidente a sua admiração ao autor da obra “As dores do mundo”. Para Nietzsche, Schopenhauer não é um professor, mas o modelo de mestre com qualidades superiores e admiráveis. Para Nietzsche, Schopenhauer é um modelo de educador e assume que a educação se faz somente se o educando tiver como referência para sua educação um modelo de mestre no qual ele possa assumir para si (DANELON, 2001, p. 408). Estes elogios a Schopenhauer, recorre ao modelo de formação humanista, e afirma que o processo de formação dos homens fortes e superiores se baseia no diálogo com os grandes mestres do passado que se efetiva a partir do estudo dos clássicos (SANTOS, 2010, p. 5).

Vale destacar que essa admiração não significa dizer que devemos estar em comunhão com o mestre e concordar com tudo que ele ensina. O que Nietzsche nos traz, é termos a autonomia para decidir quem pode nos inspirar durante a nossa formação e até quando podemos levar em consideração os ensinamentos aprendidos.

No período em que Nietzsche escreveu *Schopenhauer como Educador*, já não concordara com tudo com o que seu mestre transmitira, mas continuou a considerar Schopenhauer um homem exemplar, pois, assim como ele, se envolvia em criticar a forma da cultura e da educação de seu tempo. O que significa dizer que para se ter um modelo de educador, é necessária uma referência e não o copiá-lo. O educador poderá ter em mente que para “voar”, é preciso romper-se ao seu mestre e tornar-se livre no ato de ensinar.

O ponto forte da educação para Nietzsche é a autonomia. O próprio vínculo do Nietzsche com Schopenhauer é uma demonstração dessa autenticidade. Entendemos que durante toda sua vida, fora um homem que buscou ser autônomo e nesse caminho conheceu Schopenhauer, nomeando-o como seu

educador referencial e principal fonte de inspiração nas suas atividades como docente:

Para descrever quanta importância teve para mim o primeiro olhar nos textos de Schopenhauer, concedam-me lembrar uma imagem que na minha juventude foi frequente e insistente como nenhuma outra. Quando em um tempo me abandonava, ao meu agrado, aos desejos, eu pensava que o destino teria me livrado da tremenda fadiga e do dever de me auto educar somente se encontrasse, no momento certo, um filósofo como educador, um verdadeiro filósofo a quem eu pudesse obedecer sem pensar, pois depositaria nele uma confiança maior do que em mim mesmo (NIETZSCHE, 1999, p.3).

Quando Nietzsche já não definiu como um seguidor ferrenho dos pensamentos de Arthur Schopenhauer, em 1874, continuava a considerar os ensinamentos do seu mestre e aprendizagens, mas também que precisava ir além, e assumir a autenticidade de transforma-se. A transformação, em Nietzsche, acontece quando não mais está ligada ao mero otimismo pedagógico. Viria a acontecer no ato de assumir o impacto educativo e que para além do bem e do mal das atividades em ensinar/aprender, existe uma perspectiva estético-trágica herdada dos gregos, que podemos considerar como força motivadora para a superação das dificuldades.

Em vez do otimismo, está presente uma espécie de pessimismo que conta com os desvios, com o inaudito, com o improvável, que nem sempre está diante de nós para ser corrigido, mas, pelo impacto da novidade, nos fazem pensar outra vez. Nossa cultura ocidental insiste com meganarrativas que prometem uma vida sem sofrimento, apoiadas em uma razão que descobre saídas e resolve todos os limites e dificuldades. (HARDT, 2013, p. 345)

Nesta perspectiva, podemos perceber uma ligação entre as ideias de Schopenhauer e Clássicos gregos em Nietzsche, fazendo dele um filósofo que conseguia unir perspectivas divergentes para buscar entender a realidade que o cercava. Vale ressaltar que as críticas ao sistema de ensino público alemão feitas por Nietzsche, vão para além das suas conferências. Ao ler *Crepúsculos dos ídolos* (1889) podemos destacar diversos questionamentos feitos pelo autor e um deles é: “Qual é a missão de todo ensino superior?”. Durante todo o curso de Pedagogia podemos nos questionar sobre isso, principalmente quando existe preocupações sobre a área da educação em um país que pouco valoriza o curso da Pedagogia. Questionar e refletir sobre esta carreira torna-se uma atividade diária.

Nietzsche alerta para o fato que até mesmos os profissionais superiores do seu tempo não tinham capacidade para se tornarem educadores. Em meio a essa descrença, teve contato com os ensinamentos de Schopenhauer. (SILVA, 2014, p. 10)

No ato de questionar e refletir sobre a nossa identidade pedagógica, consideramos que Nietzsche alertava que existia uma descrença sobre a própria autonomia e perfil pedagógico que estava sendo criado, questionar a si mesmo para buscar respostas poderia ser considerado um ato árduo. Para ele, ao buscar a autonomia e bases filosóficas por meio do pensamento dos clássicos ou de um determinado autor, era uma forma de buscar sua própria originalidade. Seja no ensino básico ou superior, ser formado e adaptado ao sistema educativo para Nietzsche, não significa ter o verdadeiro espírito educativo, é preciso ter autenticidade:

Nietzsche desenvolve a ideia de um modelo de educador onde Schopenhauer é o exemplo, por ter sido um crítico da cultura alemã do séc. XIX e por ser um modelo de gênio. Ele entende o processo educativo, antes de instrução ou transmissão de conhecimento, como a relação e a convivência com o exemplo pessoal de vida do mestre. Ou seja, é a vida que habilita alguém a ser educador e não o conhecimento que possui. Assim, os educadores seriam elevados modelos que se tornariam guias dos alunos. Mas esses educadores precisariam começar “educando-se a si mesmos”. Neste sentido, para Nietzsche, outro exemplo de bom modelo foram os gregos. (WILL, 2009. p. 28)

Para Nietzsche, não era apenas Schopenhauer que o guiaria como um modelo de educador a ser seguido, mas os grandes mestres clássicos da filosofia grega também. Nietzsche considerava que os gregos detinham grande conhecimento, pois baseava-se na Filosofia e na Arte, e quanto ao processo pedagógico, no princípio da autoridade do homem cultivado sobre os jovens ainda imaturos e impulsivos, e por outro, com a finalidade de “tornar homens cultos”, através da razão e da reflexão, articulando íntima e diretamente “experiência” e “cultura” (SOBRINHO, 2003, p.13). Sendo assim, a cultura grega era um “instrumento educativo”, mostrando-se oppositora à “Pseudocultura moderna”, revelando que a cultura grega era ainda capaz de reconhecer a importância do “verdadeiro educador”, daquele que é capaz de “ensinar” a verdadeira natureza da cultura (CHAVES, 2000, p.55).

No ato de ler Nietzsche, sentimos estimulados a pensar sobre a educação clássica e moderna, ambos passam por aquilo que o filósofo acreditava ser impossível desvincular-se: Criação e Destruição, o que muda são as maneiras de como são interpretadas. O clássico compreendia esses opostos como Trágico e Comédia, considerando ambos essenciais para a vida. Diferente do clássico, a modernidade para Nietzsche, parece não saber lidar com os ensinamentos que ambas podem passar, principalmente o Trágico. Concordamos que:

A aceitação da dimensão trágica na vida é um combate aos discursos proféticos e uma adesão a movimento que contempla os declínios e a ascensão como espaço de aprendizagem. A sala de aula parece encarar essa ambiguidade: por vezes ela anima e, por vezes, ela frustra. Aquilo que é produtivo nela cansa e morre nos obrigando a fixar novas formas de acordá-la, de fazê-la vibrar. E morre de novo, frustrando, decepcionando e nos obrigando a criar outros e novos desafios (HARDT, 2013, p.346).

Diante disso, podemos considerar que quando nos encontramos em formação, se faz necessário criarmos vínculos com mestres clássicos da Educação e da Filosofia, unindo-os para desenvolver reflexões diante das nossas experiências. Assumimos que tal relação exige tempo, e este tempo muitas vezes é moldado ao sistema acadêmico orientado pelo Estado e Sociedade Civil, mas que como futuros pedagogos, é preciso “educar-se a si mesmo” para depois educar o indivíduo.

A ideia seria não nos submetermos por completo ao que a sociedade considerada erudito e o que julgamos “bem” e “mal”, pois, mesmo na universidade, nos formando como cientistas ou especialistas, podemos nos moldar a uma única função. Sendo assim, ser especialista nos torna específicos, mas ao mesmo tempo limitados diante de problemas essenciais, esquecendo que o processo educativo precisa ir para além da instrução ou transmissão de conhecimentos.

Por isso, Nietzsche afirmava que a tarefa educativa consiste não somente em suscitar determinadas representações na consciência dos alunos, mas sobretudo fazer que eles persigam a sua decifração, consistindo “[...] em fazer que eles vejam e compreendam o que se oculta nos “fantasmas” das suas representações, pois a educação é até certo ponto uma tarefa do intelecto e encontra aí seu limite” (epub WILL, 2009, p.29).

### CAPÍTULO III: O CARÁTER PEDAGÓGICO

Nietzsche, desde muito jovem, relatava em seus escritos grandes preocupações com o que viria a ser o *homem moderno* e como o homem poderia lidar com o “Espírito do tempo”. As suas primeiras obras relacionadas com a educação, consistiu basicamente, na “postura do homem frente a realidade apresentada pelo novo contexto social, tendo como ideal de conduta aquele observado na Grécia Clássica” (JURASKI: 2012, p. 52). Mediante a isso, passou a dedicar seu tempo em busca de respostas para suas dúvidas, incluindo suas vivências pessoais como educador, tendo como registro dessa época as conferências na Universidade da Basileia.

Segundo Nietzsche, a cultura estaria penetrada nas influenciadoras da Educação e a relação entre elas mudaria o povo alemão. Através dos seus estudos sobre a Filosofia Clássica e Mestres Filósofos que admirava, buscou entender os rumos do seu tempo, fazendo uso de termos que nos indicariam os caminhos da educação para além do século XIX. No caso da Prússia de Bismarck, o filósofo considerava que o Estado estaria manobrando os setores públicos para torna-se o principal influenciador da educação e alertava os perigos desse Estado concentrado.

Portanto, era perceptível em seus primeiros escritos *Sobre o futuro dos estabelecimentos de ensino*, quanto nas produções posteriores mais ambiciosas como “*Crepúsculos dos ídolos* (1889), que Nietzsche demonstrou preocupação com a formação humana dos estudantes” (JURASKI, 2012. p. 53) e com o comportamento dos docentes que ingressavam nos setores públicos da época. Neste momento, nota-se que suas críticas não são soltas e que a Educação e tudo que a envolve são responsáveis para o que viria a ser o *homem moderno*.

O filósofo explicita, entre os anos de 1870 a 1874, a base do que viria a ser seus pensamentos mais complexos para os anos seguintes em obras como *Humano, demasiado humano*. Este alicerce nos é útil para compreender que Nietzsche preocupava-se com a sua geração e com as gerações posteriores.

Ao criticar os profissionais docentes da sua época, não era objetivo desconsiderá-los como profissionais, mas abrir os olhos de seus colegas para a



estrutura estatal que estava sendo formada. Entendemos que o *homem moderno*, não se desprende das concepções de Nietzsche sobre os profissionais docentes que estavam surgindo naquela época, ou seja, os docentes seriam os responsáveis pela formação deste homem, considerando ou não o Estado centralizado.

Ao enunciar que “Aquele que não dispõe de dois terços do seu dia para si é um escravo”<sup>1</sup> (apud SCHIFFTER, 2012, p.16), Nietzsche não é exato nos cálculos sobre o “dia” dispor de vinte e quatro horas e o homem dispor de 16 horas para dedicar-se a si, mas a sua concepção era satirizar constantemente como o indivíduo moderno estaria lidando com a vida e como esse lidar acabaria por influenciar outros indivíduos:

Eles são ativos como funcionários, comerciantes, eruditos, isto é, como representantes de uma espécie, mas não como seres individuais e únicos; neste aspecto são indolentes. — A infelicidade dos homens ativos é que sua atividade é quase sempre um pouco irracional (NIETZSCHE, 2004, p. 116).

É possível entender que Nietzsche notou como as relações de trabalho dos funcionários estavam relacionadas ao modo de vida deles e como isso os tornavam indivíduos limitados:

[...] Nietzsche não pensa somente na besta de carga do século XIX – o operário, o menor, o diarista agrícola, entre outros - [...] mas, sim, no “homem de estado”, no “comerciante, no “funcionário”, no “cientista”. Por mais que sejam elevadas suas posições sociais, os banqueiros, os homens de negócios, os engenheiros, os dirigentes de uma nação ou de um império industrial só se dedicam a missões, a projetos, às empresas, aos canteiros de obras, aos planos (SCHIFFTER, 2012, p.17).

As suas ideias consistiram em enfatizar que o homem moderno é aquele que atende demandas, reduzindo-se ao trabalho que muitas vezes os torna apenas um reprodutor, mas não um indivíduo criativo. Denunciando as limitações internas e externas ao homem, no sentido de como o indivíduo poderia lidar com tais limitações e alterar seus comportamentos através do trabalho.

---

<sup>1</sup> Podemos encontrar esta citação no livro *Humano, demasiado humano*, 2004, p. 116. Aforismo 283.

Quando entendemos a relação do Estado com a Educação exposto por Nietzsche, nota-se essas limitações dos profissionais da educação. O profissional docente passa a ser consequentemente influenciado pelas manobras estatais e muitas vezes se sente obrigado a se submeter às demandas.

Segundo Nietzsche todas as ideologias democráticas (inclusive a socialistas, liberais etc.) têm um ponto em comum: a sua base é fundada no cristianismo, na medida em que, sendo humanistas, pregam a igualdade dos homens. Enquanto o cristianismo ressalta que todos são iguais perante a Deus, os modernos somente substituem Deus pelo Estado. Permanece, então, o sentimento de igualdade que se originou no cristianismo e se irradiou por todas as doutrinas democráticas (ASENSI, 2005, p. 2)

Portanto, não haveria distanciamento entre crer em Deus e crer no Estado, pois, a crença estaria atrelada a algo ou alguém, evidenciando a centralidade de um determinado “salvador”. O Estado *Prussiano* de Bismarck evidencia este caráter de igualdade dos homens através da Cultura, que penetrou na educação e consequentemente na mentalidade dos profissionais docentes de sua época.

[...] mas também da crescente modernização e industrialização da Alemanha (tardias em relação ao processo de industrialização da França e da Inglaterra), que somadas à ascensão da Burguesia, significavam drásticas mudanças políticas, econômicas e culturais para esse povo (DIAS, 2016, p. 357).

Com o desempenho da industrialização e o avanço econômico, o Estado *Prussiano* acreditou que todos eram capazes de aprender, investiu no aumento de escolas e profissionais docentes, os tornando em incentivadores da elevação cultural alemã e consequentemente garantiu a permanência do poder estatal:

O estado entre os gregos, Nietzsche repudia esta valorização da igualdade retomando os gregos que, ao seu ver eram políticos por natureza. Parte-se do pressuposto de que, na era moderna, não são os poetas e os grandes homens que produzem as representações do mundo e da vida, mas sim os escravos rudes e grosseiros, malfadados a sua eterna condição. (ASENSI, 2005, p. 2)

Por tanto, referindo-se a todos que se submetiam as demandas estatais da época como indivíduos que limitavam seu intelecto a exercer funções que

seriam úteis para a industrialização e não ao incentivo do espírito criativo. Neste sentido, Nietzsche nos leva a perceber em seus questionamentos seus incômodos:

“Qual é a missão de todo ensino superior?”, transformar o homem em máquinas. “Quais os meios para isso?”. Ele precisa aprender a entediar-se. “Como se consegue isso?” Com o conceito de dever. “Quem é o modelo para isso?”. O filólogo: ele ensina a mourejar. “Quem é o homem perfeito?”. O funcionário público [...] (NIETZSCHE, 2009, p.107).

Os profissionais da educação acabam por se comportar como escravos, tornando a cultura moderna superficial ao tentar equalizar que todos são iguais:

As relações educacionais, desde muito cedo, foram percebidas pelo filósofo como de natureza aristotélica, ou seja, para Nietzsche a educação deveria ser voltada para um grupo reduzido de pessoas, com capacidade de aprender, onde poucos desenvolveriam as potencialidades necessárias para serem professores e alunos (JURASKI, 2012, p. 53).

Esta concepção não compactua com o objetivo da segregação educacional, muito menos uma educação elitista:

Não era intenção do filósofo incentivar a desigualdade entre as classes sociais, por exemplo, mas longe disso, oferecer a liberdade de livre aprender o que mais satisfazia a cada espírito e da oportunidade dos espíritos oferecer a liberdade de livre aprender o que mais satisfazia a cada espírito e da oportunidade dos espíritos mais curiosos buscarem o tanto de conhecimento que lhes fosse requisitado. (RIGUE et al., 2017, p. 2)

Nietzsche considerou e denunciou, através dessa concepção, o excesso de poder estatal dentro das instituições de ensino, concordamos que “[...] estado moderno, por sua vez, é apoderado pelos interesses egoístas de uma aristocracia do dinheiro, que não tem qualquer interesse ou compromisso civilizatório” (ASENSI, 2005, p. 3).

Como mencionamos no capítulo anterior, o filósofo se dedicou a expor também suas concepções sobre a Ciência e Religião, principais influenciadores da educação de sua época. Em relação a ciência afirma que “O espírito da ciência é

poderoso na parte, não no todo” (NIETZSCHE, 2004, p.12). Revelando que a ciência também era limitada:

Nietzsche, critica a postura dos “sábios”, professores e pesquisadores, que se dedicam às “ciências do detalhe”. Estes se preocupam mais com seus próprios interesses ao invés de interesses coletivos (MARTINS, 2015, p. 151).

Neste momento, entendemos que suas críticas se direcionam às universidades e seu modo de fazer ciência, expondo o caráter limitador de muitos educadores, tanto por fatores externos (estado, sociedade, economia) e internos (fatores emocionais, morais e etc), ao considerar que não existem princípios de educação, mas a simples atividade de “fazer ciência”:

A prática da ciência, quando não é dirigida e delimitada por um princípio superior de educação, mas desencadeada sem medida, em virtude dessa ideia de que quando houver mais melhor, é certamente tão prejudicial aos sábios como o princípio do deixar-correr pode sê-lo para a moralidade de nações inteiras (NIETZSCHE, 2008, p. 23).

Deixando claro que existiu uma concepção de superioridade por parte dos seus colegas educadores e daqueles que consideravam o Estado e a Ciência detentores da verdade. A “ciência do detalhe” seria o ato de se submeter à alienação e abrir mão das capacidades de refletir e criticar, e que o acúmulo de conhecimento científico e burocracias estatais “[...] poderá por alguns momentos fazer o homem se sentir com um poder superior ao dos que não se entregaram nessa tarefa” (MARTINS, 2015, p. 157).

Considerando o envolvimento excessivo do Estado de Bismarck na Educação Alemã, é possível identificar no Brasil semelhanças preocupantes. “A crítica de Nietzsche ao modo de se fazer ciência nas universidades é uma realidade que insiste até os dias atuais” (SILVA, 2014, p. 10). A massificação do ensino brasileiro se deu no ano de 1930 de forma controversa, mas foi no ano de 1970 do século XX, pouco depois da ditadura militar, que deu iniciação da:

[...] proliferação tumoral de instituições privativas de ensino fundamental, à medida que o modelo exitoso do ensino público, de qualidade, se esgotava. Surgiu a figura do “empresário do ensino” que se apropriou do discurso governamental sobre ampliar as

oportunidades educacionais para justificar seus empreendimentos lucrativos. (MARTINS, 2015, p. 152)

O envolvimento desses “empresários do ensino” não parou no ensino fundamental, atingindo outros campos da educação conforme a educação brasileira foi sendo desconsiderada em projetos governamentais, as Universidades Públicas também estavam inclusas:

Muitas universidades patrocinam projetos de pesquisa nas áreas de ciências exatas e ciências da natureza não com o objetivo de ajudar a sociedade com as novas descobertas, mas mostrar para a mesma que a instituição investe em seus alunos e os prepara para a vida profissional. A maioria dessas pesquisas possuem fins lucrativos às grandes empresas que financiam os projetos. Logo, o conhecimento obtido nessas pesquisas só será útil aos indivíduos possuírem dinheiro para comprá-lo. (SILVA, 2014, p. 10)

A partir disso, podemos identificar uma relação do Estado, Empresas (Economia) e Ciência, que no caso seriam as universidades públicas que recebem investimentos com o apoio de um Estado concentrado junto com Empresários, incentivando que a expansão das instituições não se dá pela ligação de pessoas que buscam conhecimento para a *virtude*, mas profissionais técnicos, capacitados a atender demandas limitadoras da sociedade.

A expansão incontida desse tipo de instituição abriu ampla avenida para formações profissionais de capacidade técnica limitada, inclusive professores com bagagem insuficiente para formação técnica, muito menos humanista, de jovens principalmente proveniente da classe remediada. Raros foram os educadores de fôlego e visão abrangente, que perceberam em momentos diferentes de nossa história a articulação dessa trama insidiosa, a exemplo de Anísio Teixeira, Paulo Freire e Darcy Ribeiro. (MARTINS, 2015, p. 152)

Os educadores brasileiros citados são grandes exemplos para entendermos a ideia que Nietzsche traz sobre o “Filósofo Educador”, pois, foram eles que buscavam ultrapassar os limites do ensino de suas épocas e buscavam fazer com que a tarefa do educador caminhasse pela autonomia e liberdade dos educandos na aprendizagem.

A tarefa do Filósofo Educador (e dos educadores em geral) seria a de identificar e estimular o desenvolvimento do pendor principal de cada educando, e evitar que este possa eclipsar os demais. A tarefa de educar exige atenção, personalidade e antiautoritário aos jovens. Permite-lhes liberdade para que expresse seus interesses e frustrações; em se descobrir e ao mundo. (MARTINS, 2015, p. 152)

Essa atenção, personalidade e antiautoritarismo não existiu na educação Alemã em que Nietzsche observou e que esteve em contato durante os anos em que lecionou em Basileia, mas identificou o “[...] caráter abstrato de um tipo de formação eminentemente teórica, cultivada pelos homens cultos e doutos da Alemanha, quando se afirma a distância entre esta formação teórica de uma verdadeira formação, concreta e viva, que afeta diretamente o povo” (GONÇALVES e SOUZA, 2017, p. 534). É possível considerar que o comportamento dos educadores cultos e doutores alimentava uma educação que cultivava em excesso os conteúdos, levando o próprio conteúdo ao fracasso.

Os excessos do homem para Nietzsche eram fatais, considerando que os levam à dependência. Entendemos através das afirmações de Nietzsche que os educadores da antiga Prússia estavam caminhando pelos excessos e que suas dependências eram alimentadas pelo Estado. Ao identificar esse fator no comportamento dos professores, os doutores e cultos da época, o filósofo passou a considerar que o estado prussiano designou os educadores como responsáveis para formar a cabeça de uma sociedade dependente do Estado. Nietzsche passou a designar essa formação como a “Formação de Filisteus”. Consideramos que:

Os responsáveis pela disseminação e manutenção desse tipo de formação teórica são os ‘filisteus da formação’ (Bildungsphilister) (NIETZSCHE, 2011a, p. 645), uma classe de homens eruditos e de natureza essencialmente antiestética, mas que, a despeito disso, considera-se artista e homem da cultura (GONÇALVES e SOUZA, 2017, p. 535).

A formação puramente teórica para Nietzsche era inútil e considerava que as tendências políticas pedagógicas que surgiam na época valorizavam em excesso a teoria, colocando em xeque a autenticidade da educação alemã. Nietzsche argumentava que as tendências pedagógicas tinham efeitos nocivos para a cultura alemã, de impulsos aparentemente contrários, mas que causavam efeitos iguais:

“[...] por um lado, o impulso até a maior ampliação da formação possível; outro lado, o impulso de redução e enfraquecimento dessa formação”<sup>1</sup> (apud GONGALVES e SOUZA, 2017, p. 544).

Compreendemos que o impulsionamento de formações de educadores na Alemanha de Nietzsche era responsabilidade do Estado, almejando atingir seus próprios interesses sobre a cultura alemã e que o envolvimento estatal com “empresários *do ensino*” levou a educação ao enfraquecimento, reduzindo a formação de educadores.

O filisteu é justamente o ἄμωσος (alheio às Musas): é notável observar como ele apesar disso quer intervir em questões estéticas culturais. Creio que o que serviu aqui de intermediário tem sido o pedagogo: ele, que por ofício se ocupava da Antiguidade Clássica, e que pouco a pouco acreditou que por isso também deveria ter um gosto clássico (NIETZSCHE, 2007, p. 103).

Nietzsche identificava o Pedagogo como um “Filisteu da formação”, por exigir na sua formação o contato direto com a antiguidade clássica, mas que este contato acabou por cair em ilusão, pois, ao adentrar no sistema de ensino alemão rebaixava-se às exigências estatais da época, considerando que os seus ensinamentos com os clássicos os faziam cultos, mas que na prática se mostravam o oposto.

Na Alemanha moderna, afirmava Nietzsche, o tipo do filisteu da formação está em toda parte e, aonde quer que vá, tem a impressão de si mesmo no contato frequente com as pessoas cultas de sua espécie. Também se reconhece nas instituições públicas e nos centros escolares, de cultura e de arte, que se organizam em consonância com sua erudição e de acordo com suas necessidades (GONÇALVES e SOUZA, 2017, p. 535).

Reduzindo o conhecimento, fazendo-o se adequar a apenas uma necessidade pessoal para o manter entre seus “iguais”, mas que na verdade essa igualdade era meramente ilusória, fazendo do estado forte e capaz de manipular suas vidas e de toda a sociedade prussiana. Essa convicção de Nietzsche parte da sua realidade, já que ele assume “Haver sido muitas coisas em muitos lugares, para

---

<sup>1</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Sobre el future de nuestras instituciones educativas. Obras completas V.1: escritos de juventude. Trad. Joan.B. Llinares, Diogo Sánchez, Meca e Luiz E. de Santiago Guevós. Madrid: Techos, 2011c. p.483.

poder-me tornar-me um – para poder alcançar alguma coisa. Por um tempo eu tive de ser também erudito”<sup>1</sup> (NIETZSCHE, 2008, p. 47).

Podemos notar que Nietzsche em algum momento da sua vida esteve submerso as demandas do poder estatal, o que nos leva a pensar que não poderia continuar negando a si mesmo para poder se encaixar naquele contexto que parecia sufocar sua criatividade e de tanto profissionais da educação, “Nietzsche talvez tenha sido um dos que mais experimentou os limites e potencialidades daquilo que chamamos de experiência de saúde, esta compreendida de forma plástica e alargada” (COSTA, 2011, p.29).

Nestas perspectivas identificamos que para além das suas críticas sobre os profissionais da educação, nos anos finais de sua vida, Nietzsche fez uma autoavaliação de si mesmo como um atuante na área educacional. É evidente que para além da visão de identificar os declínios educacionais, é necessário também ter autonomia para sair das teorias dos seus mestres e estar disposto a enxergar-se no mundo, provando que:

O instinto motor da vida não seria, pois, a conservação, mas a própria experimentação do transbordamento, da vida forçando suas próprias bordas morais e lançando-se para além de si mesma. (COSTA, 2011, p.29)

A ideia de Nietzsche, portanto, é nos fazer deslocarmos dos nossos julgamentos sobre o mundo e nos lançarmos para além do que queremos. Diante disso, o caráter pedagógico não se define em Nietzsche como uma verdade absoluta definitiva, ou seja, um ideal a ser seguido, mas ao receber as potencialidades que a vida nos oferece, principalmente nas vivências do cotidiano escolar, seja na felicidade ou na decadência, não “[...] apequenarmos, mas estendendo-se a todos os domínios da vida cotidiana” (COSTA, 2011, p.29). E por isso que Nietzsche abominava a ideia da antiga Prússia se fechar em si e se sentia atraído pela França, a maior inimiga do seu país na época, pois é na relação da diferença que podemos nos renovar.

---

<sup>1</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. Editora companhia de Bolso. 2008



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Filosofia do Martelo* abrange contextos históricos, sociais e econômicos, no qual Friedrich Nietzsche esteve dedicado a trabalhar durante toda a vida. Buscar entendê-la é compreender como surgiu as perspectivas acerca da educação para ele e consequentemente como o mesmo notou a própria atuação e a atuação dos educadores de sua época.

O caráter pedagógico que se apresenta em Nietzsche vai para além das suas críticas sobre educação, mas é preciso atenção e se faz necessário nos desvincularmos de certos preconceitos e adentrarmos a uma expansão de assuntos que muitas vezes não nos são apresentados em nossa formação acadêmica. É neste momento que devemos ir em busca de respostas para nossas dúvidas como pedagogos e que muitas vezes essas respostas não estão em produções teóricas, mas fora destas, e podendo também correr o risco de surgir novas problematizações.

Adentrando nas concepções nietzschianas de educação, a prática pedagógica demonstrar sofrer uma série de deslocamentos, não sendo apenas focada em “passar conteúdos” ou “ensinar um indivíduo”, mas fazer com que a prática seja tão mais próxima da realidade de uma sociedade do que as nossas leituras teóricas.

A metáfora do martelo se liga a educação quando buscamos entender como a filosofia nietzschiana não pretende alcançar uma concepção de verdade absoluta para resolver um determinado problema, mas mostrar que existem verdades que estão interligadas entre si e que podem apresentar um sentido que nos explica como funciona determinado problema, e que este problema pode ser destrinchado em outras perspectivas. Diante disso, este trabalho viria a ser uma dessas perspectivas para tentarmos compreender como o caráter pedagógico tem se apresentado durante os anos em que Nietzsche fora professor e como podemos nos basear nesta compreensão para entendermos o profissional pedagógico atual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASENSI, Felipe Dutra. **Elementos da teoria do Estado de Friedrich Nietzsche**. 2005 Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/7083/elementos-da-teoria-do-estado-de-friedrich-nietzsche>>

BITTENCOURT, Renato Nunes. **Schopenhauer, Nietzsche e a crítica ao formalismo da moral kantiana**. Voluntas: Revista Internacional de Filosofia, v. 2, n. 1, p. 03-21, 2011.

COSTA, Luciano Bedin. **Com olhos da suspeita: Nietzsche e o estatuto da experiência em educação**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.28-41, jul./dez. 2011.

CHAVES, Ernani. **Cultura e política: o jovem Nietzsche e Jakob Burckhardt**. Cadernos Nietzsche, v. 9, p. 42-43, 2000.

DA SILVA, Djalma Lopes. **Nietzsche e a ideia do professor como um “mal necessário”**. Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência, v. 10, n. 1, p. 8-23, 2017.

DANELON, Márcio. **Nietzsche educador: uma leitura de Schopenhauer como educador**. Perspectiva. Florianópolis, v.19, n. 2, p. 405-424, jul./dez. 2001.

DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche educador**, São Paulo, Editora Scipione, 1991.

DIAS, Luciana da Costa. **Educar para quê? Observações acerca da educação e cultura a partir do pensamento de Friedrich Nietzsche**. Espaço Pedagógico, v.23, n.2, Passo Fundo, p. 356-367, jul./dez. 2016 | Disponível em [www.upf.br/seev/index.php/rep](http://www.upf.br/seev/index.php/rep)

DOS SANTOS, Ivanildo Luiz Monteiro Rodrigues. A TERCEIRA EXTEMPORÂNEA E A FORMAÇÃO DO EDUCADOR EM FRIEDRICH NIETZSCHE. **Anais do EVINCI-UniBrasil**, v. 1, n. 4, p. 1825-1829, 2016.

ELIAS, Norbert. **Condição humana**. Editora Bertrand Brasil, S.A. 1985.

FRAGOSO, Myriam Xavier. **Nietzsche e a educação**. Trans/Form/Ação, v. 1, p. 277-293, 1974.

GIL, Gilson. **Nietzsche como educador: cultura e secularização na crítica nietzscheana ao historicismo hegeliano**. O que nos faz pensar, v. 2, n. 02, p. 42-53, 1990.

GONÇALVES, Alexander. SOUZA, Antônio Carlos. **O jovem Nietzsche e as instituições de formação alemãs**. Espaço Pedagógico, v. 24, n.3 Passo Fundo, p. 533-551, set./dez. 2017 | Disponível em [www.upf.br/seev/index.php/rep](http://www.upf.br/seev/index.php/rep)

GONÇALVES, Victor. **Nietzsche: antimoderno, pós-moderno, moderno.** Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche—2º semestre de, v. 6, n. 2, p. 29, 2013.

HARDT, Lúcia Schneider. **A educação em Nietzsche e o enfrentamento das totalidades.** Educação, v. 36, n. 3, p. 344-351, 2013.

HOSSON, Natália Santos Abul. **Nietzsche e a educação: a extemporaneidade de suas críticas.** Disponível em: <<http://pucrs.br/edipucrs/anais/semanadefilosofia/XII//18.pdf>>.

ITAPARICA, André Luís Mota. **LARROSA, Jorge - Nietzsche e a Educação. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2002.** APRENDER –Cad. De Filosofia e Psic. Da Educação. Vitória da Conquista. Ano IV, n.7, p. 213-216, 2006.

JULIÃO, José Nicolao. **As considerações de Nietzsche sobre o iluminismo.** Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência – 1º quadrimestre de 2014 – Vol. 7 – nº 1 – pp.01-20.

JURASKI, V.C. **O projeto educacional em Nietzsche: Reflexões sobre educação na Alemanha.** Perspectiva, Erechim. V.36, n.136, p. 51-60, dezembro/2012.

MARTINS, Rogério Parentoni. **O educador-modelo de nietzschiano.** Argumentos, ano 7, n.14 - Fortaleza, jul./dez. 2015. pág. 150 à 164.

MARQUES, Alexsandro da Silva. **Educação e Corpo em Nietzsche: do caminho do criador.** 2015.

MELO SOBRINHO, Noéli Correia de. A pedagogia de Nietzsche. **NIETZSCHE, F. Escritos sobre educação. Rio de Janeiro: Edipuc/RJ, 2004.**

MONTINARI, Mazzino. **Ler Nietzsche: o Crepúsculo dos ídolos.** Cadernos Nietzsche, v. 3, p. 77-91, 1997.

NEUKAMP, Elenilton. **As críticas do Professor Nietzsche à educação de seu tempo.** Seminário Nacional de filosofia e educação: Confluências (2. : 2006 : Santa Maria, RS) Anais [recurso eletrônico] / II Seminário Nacional de Filosofia e Educação : Confluências, 27 a 29 de setembro de 2006. – Santa Maria: FACOS-UFSM, 2006. Disponível em: . Acessado em: 20 de outubro de 2014.

NICOLAY, Deniz Alcione. **Nietzsche-Schopenhauer e a pedagogia da vontade.** Conjectura: Filos. Educ., Caxias do Sul, v.19, n.2, p.162-177, maio./ago. 2014.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. (1844-1900) **Crepúsculo dos ídolos, ou como filosofar com o Martelo / Friedrich Wilhelm Nietzsche; tradução de Jacqueline Valpassos. São Paulo: Golden Books/DPL, 2009.**

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. (1844-1900) **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém.** / Friedrich Wilhelm Nietzsche; tradução de Mário da Silva. - 20º ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano.** Editora Companhia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo.** Editora Companhia de Bolso, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre Educação.** Edições Loyola: São Paulo: 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Schopenhauer como educador.** Tradução Adriana M. Saura Vaz. Campinas: Faculdade de Educação/ UNICAMP, 1999. Mimeo.

NIETZSCHE, Friedrich. **Consideraciones Intempestivas.** I: David Strauss, el Confesor Escritor. In: \_\_\_\_\_. Obras completas V. 1: escritos de juventude. Trad. Joan. B. Llinares, Diogo Sánchez Meca e Luis E. de Santiago Guervós. Madrid: Techos, 2011a. p. 641-694.

NIETZSCHE, Friedrich. **Fragmentos póstumos (1869 – 1874).** Trad. Luis E. de Santiago Guervós. Madrid: Techos, 2007. v. 1.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre el futuro de nuestras instituciones educativas.** In: \_\_\_\_\_. Obras completas V. 1: escritos de juventude. Trad. Joan. B. Llinares, Diogo Sánchez Meca e Luis E. de Santiago Guervós. Madrid: Techos, 2011c. p. 483-542.

RIGUE, Fernanda Monteiro. FELTRIN, Tascieli. CORRÊA, Guilherme Carlos. **Contribuições filosóficas de Nietzsche para a formação de professores e a educação contemporânea.** Criar Educação, Criciúma, v.7, nº2, julho/novembro 2017 -PPGE – UNESC.

SANTOS, Vanilda Honória. **A Educação como crítica à modernidade na filosofia de Friedrich Nietzsche.** Horizonte Científico, v. 4, n. 1. 2010.

SANTOS, Rui Rossi. **Nietzsche e Educação.** 2011 Disponível em: <<http://ruirossi.pro.br/artigos/rui.rossi-nietzsche.e.a.educacao.pdf>>

SCHIFFTER, Frédéric. **Filosofia Sentimental: ensaios de Lucidez/ Frédéric Schiffter;** tradução Nícia Adan Bonatti. - Rio de Janeiro: Difel, 2012.

SCAPINO, João. **Nietzsche, o filósofo da Alemanha Nazista.** Cad. Nietzsche, São Paulo, v.36 n.1, p. 219-224, 2015.

SILVA, Victor Campos. **A natureza da genealogia de Nietzsche: uma análise do naturalismo nietzschiano.** Estudos Nietzsche, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 211-229, jul./dez. 2013.

SILVA, Ligia Maria. **Nietzsche: Perspectivas educacionais a partir da filosofia schopenhaueriana**. 2014.

SPERANDIO, Henrique Raimundo do Carmo. MENDONÇA, Samuel. **Nietzsche, educação e cultura**. Pro-Posições | v. 24, n. 3 (72) | p. 249-256 | set./dez. 2013.

TEDESCO, Anderson Luiz. LAGO, Clenio. **As raízes do pensamento Nietzscheano**. Unoesc & Ciência – ACHS, Joaçaba, v. 4, n. 1, p. 87-100, jan./jun. 2013.

TOLEDO, Ricardo Oliveira. **As leituras de Nietzsche sobre Comte**. Estudos Nietzsche, Espírito Santo, v. 7, n.2, p. 102-119, jul./dez. 2016.

VON ZUBEN, Marcos de Camargo; MEDEIROS, Rodolfo Rodrigues. **Nietzsche e a educação: autonomia, cultura e transformação**. Trilhas Filosóficas, v. 6, n. 1, p. 71-93, 2013.

WILL, Sharon Varjão. **Intercensões: Nietzsche e a educação**. 2009.

ZUBEN, Marcos de Camargo Von. MEDEIROS, Rodolfo Rodrigues. **Nietzsche e a Educação: autonomia, cultura e transformação**. Trilhas Filosóficas - Revista Acadêmica de Filosofia, Caicó-RN, ano VI, n.1, p.71-93, jan.-jun. 2013. ISSN 1984-5561.

## APÊNDICE



*Figura 1 - Escultura: Friedrich Nietzsche. Autora: Joana Valério, 2019.*



*Figura 2- Escultura: F. Nietzsche, lateral direita. 2019*



*Figura 3 - Escultura: F. Nietzsche, Autora: Joana Valério. Matéria Prima: Gesso.*

*Ano: 2019. Tamanho real, Elaborada em 4 meses.*